

CÍRCUITO IGUAÇU DE TURISMO RURAL – CITUR. PERSPECTIVAS DE ENVOLVIMENTO E TRABALHO

Rural Tourism Circuit Iguaçu - CITUR. Perspectives on Involvement and Work

Turismo Rural Circuito Iguaçu - CITUR. Perspectivas sobre la Participación y Trabajo

João Henrique Souza Pires¹
Hayrton Francis Ximenes de Andrade²
Daniel Betoven de Jesus³
Denys Dosza⁴
Sérgio Luiz Winkler⁵

RESUMO

O atual cenário do turismo globalizado, praticado massivamente e explorado por grandes grupos econômicos internacionais, não condiz com os benefícios utilizados como argumentos para a expansão da atividade. Para alguns autores nem a conceituação do turismo é definida cientificamente, tão pouco, seu objeto de estudo, dificultando assim a percepção das melhores práticas, a identificação da dinâmica e da amplitude do ambiente receptor, seu relacionamento com o meio ambiente, a complexidade do relacionamento entre público local e turistas distintos em cada localidade com suas características peculiares. Utilizou-se da pesquisa ação para verificar a viabilidade de elaboração de um circuito alternativo de turismo em Foz do Iguaçu tendo como fundamentação teórica a Economia Solidária. Esta proposta de aproximação da Economia Solidária com o Turismo busca superar paradigmas individualistas, competitivos e concorrentiais ultrapassados e a inclusão dos atores populares locais nesses processos turísticos, prezando pela emancipação do indivíduo como pessoa, pela geração de trabalho e renda e de um grupo representativo embasado nos princípios democráticos e autogestionários.

Palavras-chave: turismo rural; economia solidária; autogestão; turismo de base comunitária.

ABSTRACT

The current scenario of global tourism, massively practiced and exploited by large international economic groups, does not reflect the benefits used as arguments for the expansion of tourism activity. For some authors neither the concept of tourism is defined scientifically as object of study, thus hindering the realization of the identification of best practices nor the dynamic range of the receiving environment, your relationship with the environment, the complexity of the relationship between local public tourists and different in each location with its unique characteristics. The action research was used to verify the feasibility of developing an alternative circuit tourism in Foz do Iguaçu having as proposal framework theoretical the “Economia Solidária” (Solidarity Economy). The approach of the Solidarity Economy with Tourism paradigms seeks to overcome the individualism, competitiveness and searching for inclusion of popular actors in those processes, promoting the emancipation of the individual as a person, by generating employment and income and

1 Integrante da INDIOS e do IDEIAS (Foz do Iguaçu). E-mail: bobpires2@yahoo.com.br.

2 Professor dos Cursos de Turismo e Contabilidade da UNIOESTE campus Foz do Iguaçu e coordenador da INDIOS/UNIOESTE.

3 Integrante da INDIOS e membro do CITUR.

4 Vice-coordenador da ITCP/UFPR.

5 Vice-coordenador da INDIOS/UNIOESTE e membro da SMTU-Foz

based on a representative group democratic principles and self-management.
Keywords: rural tourism, solidarity economy, self-management, community-based tourism.

RESUMEN

El escenario actual del turismo mundial, practicado y explotados masivamente por los principales grupos económicos internacionales, no refleja los beneficios de utilizar como argumentos para la expansión de la actividad. Para algunos autores, ni el concepto de turismo se define científicamente como poco el objeto de estudio, lo que dificulta la percepción de la identificación de mejores prácticas y el rango dinámico del medio receptor, su relación con el medio ambiente, la complejidad de la relación entre el público local distintas y los turistas en cada lugar con sus características únicas. Utilizó de la investigación-acción para verificar la viabilidad de desarrollar un circuito turístico alternativo en Foz do Iguaçu teniendo como teórico Economía Solidaria. El enfoque propuesto de la Economía Solidaria con el paradigma de Turismo busca superar individualista, competitiva y competitiva superior y la inclusión de los sitios de los agentes turísticos más populares en los procesos, ligada a la emancipación del individuo como persona, mediante la generación de empleo e ingresos y un grupo representativo basado en los principios democráticos y de autogestión. Palabras clave: turismo rural, economía solidaria, la autogestión, el turismo basado en la comunidad.

Agradecimentos

Agradecemos à Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP (MCT) e ao Ministério do Turismo – MTur, cujo apoio permitiu a realização desta pesquisa, à ITCP/UFPR – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná, à Incubadora de Direitos Institucionais e Organizações Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – INDIOS/UNIOESTE, Projeto Rede Solidária Agroecológica – RESA, à organização não governamental Instituto de Desenvolvimento

de Estudos Interdisciplinares, Ambientais e Sustentáveis – IDEIAS, ao Instituto Técnico de Educação e Pesquisa da Reforma Agrária e a Secretaria Municipal de Turismo do município de Foz – SMTU

Introdução

Com cerca de 260 mil habitantes, o município de Foz do Iguaçu é caracterizado por sua diversidade cultural, em sua composição étnica encontram-se aproximadamente 80 nacionalidades, sendo que as mais representativas são oriundas do Líbano, China, Paraguai e Argentina. Integrada à região tri nacional, Foz do Iguaçu faz divisa com a cidade argentina de Puerto Iguazú e com a cidade paraguaia de Ciudad del Este.

A base da economia da cidade é o turismo, com destaque para o comércio e serviços. De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) e pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), em 2006, 2007 e 2008, Foz do Iguaçu foi considerada no segmento “Lazer” o 2º destino mais visitado por turistas estrangeiros, atrás apenas do Rio de Janeiro.

Contudo, apesar de todo este destaque no cenário do turismo nacional, se observa que apenas uma ínfima parte composta por empresários e por grandes empresas do setor usufruem dos benefícios econômicos que o turismo gera nesta região, ficando grande parte da comunidade apenas com os resíduos.

Este trabalho objetiva descrever parte do processo de ação orientado pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná – ITCP/UFPR e Instituto de Direitos Institucionais e Organizações Solidárias – INDIOS/UNIOES o desenvolvimento de uma dinâmica alternativa ao turismo na região de Foz do Iguaçu.

O foco da ação é a criação de um circuito de turismo rural em pequenas propriedades rurais com a orientação da ITCP/UFPR e da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – INDIOS/UNIOESTE, Projeto Rede Solidária Agroecológica - RESA⁶ e a organização não governamental Instituto de Desenvolvimento de Estudos Interdisciplinares, Ambientais e Sustentáveis – IDEIAS, com o apoio do Ministério do Turismo - M tur e da Secretaria Municipal de Turismo do município de Foz – SMTU.

Neste texto a equipe formada a partir destas instituições será denominada “equipe de integração”. Ela tem o papel de articular os empreendimentos na perspectiva do trabalho em rede de forma cooperativista. Objetiva maior potencialidade da produção através da organização coletiva, como também auxílio técnico e formativo de acordo com as demandas do grupo. Para esta proposta trabalha-se com um grupo de propriedades familiares situadas na área rural do município de Foz do Iguaçu.

Os princípios que determinam as ações da equipe de integração têm como referencial os princípios da economia solidária, e aliados a esses princípios trabalha-se o turismo como forma de gerar trabalho e renda para essa comunidade.

Entre teorias e práticas

Segundo Dencker (1998) as definições de turismo são conceitos que evoluem ao longo do tempo, tornando difícil a delimitação do campo de investigação para a constituição de uma disciplina única. Campos e Gonçalves (1998) argumentam que o turismo se manifesta e expande-se devido a modificações históricas que interferem nos mais diversos aspectos eco-

⁶ Projeto “Rede Solidária: organização e capacitação na produção, agroindústrias familiares e comercialização de alimentos ecológicos na região Oeste do Paraná” foi um projeto de extensão desenvolvido pelo programa de extensão da UNIOESTE, financiado pelo programa “Universidade Sem Fronteiras” entre os anos 2009 e 2010.

nômicos, culturais e políticos que compõem as relações sociais.

A complexidade da atividade turística pode ser mal interpretada ou incorretamente desenvolvida se não abranger em seu papel a função social e econômica do acontecimento turístico.

O turismo muitas vezes é visto como possível solução alternativa para emprego e desenvolvimento, e algumas vezes apresentado com um enfoque exclusivamente econômico. Quando se observa com mais atenção, verifica-se que ao mesmo tempo em que gera desenvolvimento e renda, também age como excludente social.

Parafraseando Coriolano (2009), o turismo é um fenômeno que reproduz as contradições da inclusão e exclusão, por seguir uma lógica oligopolista das mega operadoras internacionais que monopolizam o turismo promovendo níveis de concentração e integração de conglomerados atuantes nos principais destinos emissores.

Nos principais destinos turísticos brasileiros nota-se o aparecimento de mega empreendimentos, que controlam e monopolizam as escolhas dos visitantes das mais diversas regiões do mundo. Estes empreendimentos que usufruem da infraestrutura local e de seus atrativos, deixam a comunidade local à margem da atividade. Ela não deixa espaço para a comunidade local empreender, tão pouco desfrutar das potencialidades da região. Este fato é observado no município de Foz do Iguaçu. A comunidade local vive à margem do desenvolvimento turístico, não tem acesso aos seus principais atrativos, sofre com a falta de estrutura e segurança. Observa-se alto índice de homicídios principalmente entre jovens, baixa qualidade dos serviços de saúde e transporte público, falta de incentivo ao entretenimento e lazer para a comunidade local.

Sobre isto, Swarbrooke (2000, p. 31) argumenta que

Em termos gerais, a crítica focaliza as acusações de que a indústria turística está excessivamente interessada nos lucros a curto prazo, não na sustentabilidade a longo prazo; mais interessada em explorar o meio ambiente e as populações locais, que em conservá-las; é relativamente livre e demonstra pouco compromisso com determinadas destinações; está cada vez mais controlada por grandes corporações transnacionais que não se interessam por determinadas destinações [...].

Além do imaginário tradicional sobre o destino indutor de Foz do Iguaçu, é possível constatar quando se está inserido no contexto da história, como a população local sofre com a baixa valorização da mão de obra local, o excesso na carga de trabalho, especulação no mercado interno, falta de profissionalismo de guias e agentes de turismo, falta de apoio dos órgãos públicos para com os pequenos e novos empreendedores, e falta de definição de uma política pública condizente a realidade local.

Sobre o assunto, Dias (2003, p. 80) lança o seguinte argumento

[...] é imprescindível a participação do Estado e a existência de planejamento. Por outro lado, não se pode conceber o turismo sem a participação de diferentes setores da economia. Em praticamente todas as situações que envolvem atividades turísticas há presença do setor público (Estado) e do setor privado (empresas) e uma crescente participação do Terceiro Setor (entidades sem fins lucrativos). O crescimento da participação de organizações sociais na discussão sobre os rumos do turismo como uma alternativa econômica viável, em substituição aos setores tradicionais da economia e consolidados ao longo de anos de Revolução Industrial.

Interpretando criticamente a realidade turística de Foz do Iguaçu, se pode afirmar que com o potencial de oportunidades que o turismo pode gerar se reduzirá o abismo existente entre empreendimentos turísticos “trade” e comunidade tradicional e/ou nativa. Essa aproximação pode fazer com que o turismo cumpra sua função social e econômica para com todas as partes envolvidas.

Para isto, é necessário que os empreendimentos ligados a cadeia produtiva do turismo estejam sensíveis à situação local, em termos da cultura, economia e da parte ambiental, mantendo um compromisso e um comprometimento com o ambiente e sua fauna e flora. Este *trade* em si, não pode estar unicamente interessado na maximização dos lucros, mas também comprometido com o desenvolvimento do meio ambiente onde ele está inserido e auferindo seus ganhos, proporcionando uma qualidade de vida adequada para a população local. (SWARBROOKE, 2000).

Uma dinâmica diferente para contemplar o econômico

Buscando uma forma de superar o atual tipo de turismo focado apenas em PIB's e arrecadação econômica implantado não só em Foz do Iguaçu, mas em grande parte de todo território nacional, se trabalha para construir um turismo que se preocupa com o meio ambiente, a integridade e particularidade da fauna e flora e a inserção do ser humano como pessoa, como comunidade e como espécie.

Com esta pretensão um grupo multidisciplinar formado por pesquisadores, educadores e profissionais das instituições anteriormente mencionadas (equipe facilitadora de integração) atua no município com o propósito de incentivar e auxiliar as demandas da comunidade local no

envolvimento com o turismo focado nos princípios da economia solidária.

A economia solidária apareceu com mais ênfase no Brasil há aproximadamente 10 anos, com a proposta de superar os paradigmas impostos pelo atual sistema político-econômico. Pressupõe-se a superação da exploração e aprovação do trabalho, a eliminar a desigualdade social, assim como definido por Singer (2007). A ECOSOL deve ser entendida e praticada como um modo de produção e relação que se caracteriza pela igualdade de direitos, onde o resultado da produção coletiva é daqueles que realizaram o trabalho.

Contrapondo o desenvolvimento dentro do sistema político-econômico atualmente dominante, este que incentiva o individualismo, a competitividade e o consumismo, ignorando os valores intrínsecos do ser humano na potencialidade de sua totalidade, a economia solidária ou ECOSOL como é popularmente conhecida, é uma forma de construção coletiva de relações

A economia solidária é, ao mesmo tempo, uma prática real e um projeto de sociedade, que busca uma nova racionalidade econômica, privilegiando a satisfação das necessidades individuais e coletivas e o respeito ao meio ambiente. Ao atingir temas vinculados aos mecanismos da distribuição, do consumo, da prestação de serviços, das finanças, da moeda e da troca, de modo autogestionário e cooperativo, a economia solidária exige produção e adequação de conhecimentos dentro de uma perspectiva específica (NUNES, 2009, p. 21).

Isso não é tarefa fácil, direcionar a produção para o atendimento sustentado das demandas humanas, que necessariamente não passa unicamente pelo valor do “ter”. Para isso é imprescindível que se coloque a economia a

serviço das pessoas, justamente porque economia se define por ser a organização da casa.

Conforme as argumentações de Singer (2007), da ECOSOL e da prática da ação, a gestão dos empreendimentos são geridos pelos próprios membros da organização, ou seja, “autogestão coletiva”, de forma democrática, onde cada indivíduo membro da organização tem direito à voz, a decisão é coletiva.

Nesse sentido, praticar a ECOSOL significa conceber e atuar em um projeto que evoluja para além do modelo econômico, e das relações sociais vigentes. Esse modelo não consiste aplicar um conjunto único de ações definidas “*a priori*” e organizador das unidades econômicas, mas um processo multifacetado no qual se incorpora solidariedade, e busca por relações econômicas justas e decisões construídas pelos atores da ação. “A filosofia que anima e dirige essa visão econômica é chamada por alguns estudiosos, de desenvolvimento na escala humana, por tirar o foco do capital e centrar nas pessoas” (CORIOLANO, 2009, p. 48).

Economia solidária é o conjunto de atividades econômicas de produção, manufatura, distribuição, consumo, poupança e crédito organizados sob a forma de autogestão. Considerando essa concepção, a economia solidária possui as seguintes características:

Cooperação: existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária. Envolve diversos tipos de organização coletiva: empresas autogestionárias ou recuperadas (assumida por trabalhadores); associações comunitárias de produção; redes de produção, comercialização e consumo; grupos informais produtivos de segmentos específicos (mulheres, jovens etc.); clubes de trocas etc. Na maioria dos casos, essas organizações coletivas agregam um conjunto grande de atividades individuais e familiares.

Autogestão: os/as participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, etc. Os apoios externos, de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria, não devem substituir nem impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação Dimensão Econômica: é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. Envolve o conjunto de elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais.

Solidariedade: O caráter de solidariedade nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras (BRASIL, 2010).

Baseado nos princípios anteriormente citados, a ECOSOL vem apresentando um grau de notoriedade no Brasil, aquecendo e renovando a discussão sobre organização comunitária, face à crise do trabalho e do sistema econômico capitalista, explorador, competitivo e individualista que domina o atual mundo globalizado.

Com estes princípios a equipe de integração iniciou o atendimento da demanda advinda dos agricultores e empreendimentos

rurais de Foz do Iguaçu, promovendo ações a principiar pelo acesso do agricultor aos processos da cadeia produtiva do turismo, sensibilizando o grupo para o envolvimento na construção coletiva de um turismo de base no local. A partir dessa dinâmica trabalha – se para construir o primeiro circuito de visitação turística no espaço rural do município de Foz do Iguaçu.

Entendendo a teoria e aplicando-a na prática.

Citando Coriolano (2009, p. 66), turismo de base comunitária “é aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo”.

No princípio, o processo formativo da economia solidária no turismo – E-Tur se desenvolveu por eventos teórico-práticos abrangendo diversas áreas do conhecimento, tendo como palestrantes e coordenadores de oficinas, diversos profissionais renomados das áreas de interesse do programa, também ocorreram visitas técnicas nos empreendimentos, discussões e mesas redondas, cursos, congressos, palestras, grupos de trabalho, encontros, feiras e fóruns. Após certo tempo de formação, o grande grupo se subdividiu por afinidades, e apresentou alguns segmentos populares, os quais tinham algumas necessidades e buscavam auxílio nessas questões, onde o grupo de apoio poderia intervir e coconstruir alguns caminhos.

Por demanda de um membro da Associação dos Produtores de Foz do Iguaçu – APROFOZ, a primeira ação da equipe foi participar de uma reunião da associação que teve como pauta a discussão de um circuito de turístico rural.

Assim, na data marcada para o diálogo se fizeram presentes agricultores associados e não associados da APROFOZ, docentes e discentes

do curso de turismo da UNIOESTE campus de Foz do Iguaçu, secretário municipal de agricultura, representantes da Usina Hidrelétrica de ITAIPU, Fundação PTI – Parque Tecnológico Itaipu, ONG IDEIAS e ONG Biolabore. No contexto da “prosa” se constatou que um determinado grupo detentor do capital que possui maior acesso às informações, já articulado com uma agência de turismo local e infraestrutura para a recepção de visitantes, monopolizava as conversas em prol de seus próprios interesses, ignorando os princípios do associativismo e cooperativismo.

A equipe ciente daquele jogo de interesses no encaminhamento das sugestões e propostas colocou em discussão as peculiaridades do trabalho coletivo. Foi observado que só um seleto grupo se beneficiaria do turismo local, explorando ao máximo os benefícios próprios e o lucro, explorando o potencial do espaço público e do trabalho alheio, mantendo a comunidade como um todo à margem das atividades.

Este tipo de ação se respalda no argumento de Maldonado (2009, p. 33) que diz

O turismo não é insento de riscos ou ameaças; a comunidade deve conhecê-los e debater sobre estes antes de iniciar o negócio e durante todo o seu ciclo de vida, a fim de salvaguardar seus interesses e minimizar os efeitos indesejáveis. Mais do que uma simples abertura ao exterior, com o turismo as comunidade enfrentam uma série de desafios para os quais, muitas das vezes, não estão preparados.

A equipe de integração apontou para a falta de um levantamento das potencialidades das propriedades, situação evidenciada pelo fato de que quase nenhum agricultor ou empresário conhecia a propriedade do seu vizinho, e também da necessidade de um diálogo para a construção coletiva do processo associativo. Isto possibilitou identificar pessoas com intenção de tirar vantagens do desconhecimento de alguns

interessados sobre o tema do turismo, e dos benefícios que uma associação pode propiciar, não levando em consideração a necessidade e situação dos outros associados interessados no envolvimento com o turismo.

A metodologia utilizada pelo grupo de interação foi norteada pelas práticas da pesquisa-ação conforme ilustrada na Figura 1.

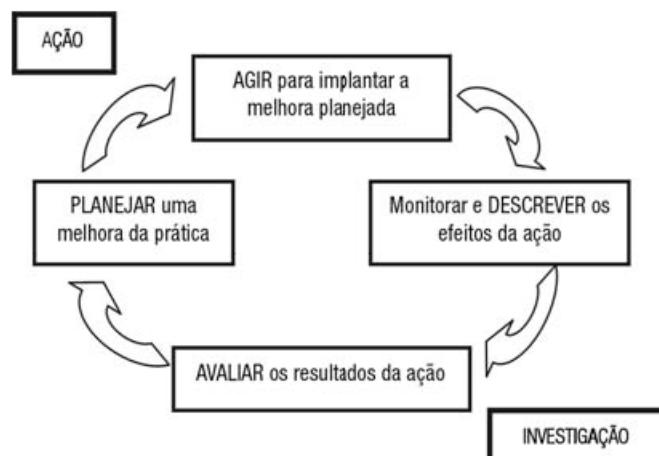


FIGURA 1- REPRESENTAÇÃO EM QUATRO FASES DO CICLO BÁSICO DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO.
FONTE: TRIPP, DAVID. PESQUISA AÇÃO: UMA INTRODUÇÃO METODOLÓGICA. 2005, P. 446.

A pesquisa-ação quando exercida criticamente, considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador, a voz do sujeito faz parte da tessitura da metodologia da investigação, nesse caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo (FRANCO, 2005).

Assim, se aplicou uma dinâmica de trabalho em grupo de forma participativa, onde o sujeito é parte da construção da sua história, assim, idealizando uma atividade turística democrática com base nos conhecimentos dos presentes. Sugeriu-se um novo modo de procedimento dos trabalhos, prezando pela democracia, onde cada sujeito pode opinar nas decisões dos assuntos coletivos da discussão, e na gestão do seu negócio individual, promovendo parcerias com os outros interessados. Este tipo de relação parte do princípio de igualdade com o seu próxi-

mo, num envolvimento de troca de saberes. Esta sugestão não agradou um grupo que manipulava a discussão gerando uma segregação do grupo.

Após esse rompimento e afastamento dos individualistas, por vontade própria, a equipe de integração iniciou a ação proposta com os agricultores que aceitaram trabalhar nas formas de relação sugerido pela equipe de integração, somando onze empreendimentos. Sobre isto Coriolano (2009, p. 66) argumenta que “uma das primeiras ações que as comunidades realizam é a elaboração de um pacto interno com os próprios residentes em defesa de sua propriedade. Procuram que a maioria se comprometa com a preservação de suas terras, delas não se desfazendo”.

No processo de sensibilização, a equipe evidenciou a importância da organização e relação do trabalho em grupo, agindo de forma participativa e de como essa filosofia de trabalho pode contribuir para o desenvolvimento dos negócios do grupo.

Na sequência, foi elaborado e aplicado um diagnóstico desenvolvido pela equipe do projeto Rede Solidária Agroecológica – RESA e da equipe da ITCP/UFPR. Este diagnóstico foi elaborado e aplicado segundo os princípios da pesquisa-ação como citado anteriormente. Assim, desde sua elaboração até sua aplicação foi considerado a particularidade do local, como também o saber local.

Após a aplicação do diagnóstico se constatou, tanto no ambiente interno quanto no externo, que há um potencial natural para o turismo rural no município de Foz do Iguaçu. Evidenciou-se a necessidade de formação em Economia Solidária, planejamento, sistematização e organização do produto turístico para divulgação e oferta.

Após aplicação dos diagnósticos elaborou-se a quantificação dos dados, de modo a compreender as particularidades e potencialidades de cada uma das propriedades.

Assim esta atividade utilizou-se de uma sistematização quantitativa, que para (RI-

CHARDSO apud BEUREN, 2006, p. 91) “deve descrever a complexidade de determinar problemas, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”; e qualitativa, que, para Turato (2003) o objetivo da pesquisa qualitativa é entender e interpretar os sentidos e significados que os indivíduos estudados oferecem ao fenômeno ocorrido.

Durante esta etapa se constatou que nem todas as propriedades possuem infraestrutura ou potencialidades para receber visitantes. Também se constatou que algumas propriedades já trabalham com recepção de visitantes, serviço de alimentação, pescaria no sistema “pesque e pague”, trilhas e hospedagem.

Após a sistematização dos dados, convidou-se os representantes dos empreendimentos para a socialização dos resultados.

Devido às dificuldades na comunicação, falta de interesse por parte dos associados, ou compromissos particulares, compareceram à reunião dois representantes das propriedades e um interessado que ainda não tinha seu empreendimento diagnosticado. Com estes proprietários se foi encaminhada as atividades subsequentes pertinentes a formatação do circuito.

Realizou-se uma nova reunião com aqueles que não puderam participar da primeira socialização. Repassou-se tudo novamente e decidiu-se os novos encaminhamentos. Nesta segunda oportunidade, o grupo se consolidou em cinco propriedades sendo elas (Associação Madre Terra, Berlândia Colonial, Recanto das Artes, Recanto da Paz e Recanto Gaúcho).

O comprometimento do grupo foi fortalecido por um incentivo da equipe de integração que, aproveitando o I Colóquio de Turismo e Comunidades, realizado numa instituição de ensino superior do município, sugeriu uma visita técnica nessas comunidades como opção para o evento, provocando os participantes do circuito a se organizarem de forma integrada para oferta do serviço.

Para isto, ocorreu uma reunião nas dependências do Recanto Gaúcho para tratar da organização de uma possível visita técnica nas cinco propriedades do CITUR como atividade prática do I Colóquio de Turismo e Comunidades realizado pelo curso de turismo da UDC⁷. Essa reunião foi de convencimento onde foi trabalhado com os agricultores as formas de relacionamento que podem ter com a cadeia produtiva do turismo, desde o fornecimento de produtos *in natura* e/ou transformados, até a abertura da propriedade para visitação, possibilitando outros tipos de produtos, lazer e entretenimento rurais e serviços, hospedagem, gastronomia típica, passeios e trilhas, transporte rural, a vivência do cotidiano e do trabalho do homem do campo.

Assim, foi discutida a elaboração de um roteiro conjunto, onde se definiu valores, quantidade de carga de atendimento, trajeto, meios de transporte, serviços oferecidos, materiais de divulgação e forma de controle e avaliação da proposta. Dessas propriedades, duas delas (Recanto da Paz e Recanto Gaúcho) já oferecem serviços para visitantes, enquanto para as outras três esta foi à primeira experiência.

Estiveram presentes nesse encontro, representantes do Recanto Gaúcho, Madre Terra, Berlinda Colonial, Recanto das Artes, e Recanto da Paz. Numa articulação de coragem, se encaminhou na reunião o acordo de oferecer o passeio, como também a confecção de um *voucher* para a comercialização do passeio.

Nesta mesma época foi feita uma visita de avaliação nos empreendimentos pelos analistas de projetos da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP, a qual é a entidade financiadora do projeto. A visita dos analistas foi realizada junto com o público do Colóquio, onde passaram por todos os empreendimentos para conhecer e constatar a veracidade dos fatos relatados pela equipe de integração e trabalho,

como também para averiguar a possibilidade de dar continuidade ao projeto.

Após a visita foi realizada uma reunião de avaliação no espaço do Recanto da Paz onde cada um dos proprietários falou sobre sua avaliação em relação em receber visitantes em suas propriedades; as impressões, segundo os próprios, foram gratificantes, apesar da incerteza do novo, do desconhecido. O montante coletado com a visita foi repassado conforme os valores estabelecidos na primeira reunião.

A partir, destas atividades articuladas entre a equipe de integração e as famílias proprietárias, se iniciaram formalmente entre as partes a elaboração e construção do primeiro circuito de turismo e lazer na área rural de Foz do Iguaçu.

Considerações Finais

Apesar do número de empreendimentos abordados ser reduzido perante a quantidade dos empreendimentos inicialmente diagnosticados, a qualidade do trabalho, que da nossa perspectiva é o mais importante, atinge o objetivo proposto. O grupo se reúne semanalmente às segundas-feiras para trocar informações, discutir assuntos pautados na semana e se firmarem como organização coletiva.

O grupo está em processo de amadurecimento e formação de uma rede de comunicação, entrelaçamento de suas relações, troca de produtos e serviços, e outros.

Para dar mais dinamismo as atividades, foi sugerido pela equipe de integração que as reuniões, diálogos e debates acontecessem de modo itinerante entre as propriedades dos envolvidos. Dessa forma cada participante pode conhecer a propriedade de seus parceiros.

No contexto da informação e formação da ECOSOL e do turismo comunitário, além de trazer ao conhecimento de todos as potenciali-

⁷ Faculdade União Dinâmica Cataratas. Ressaltando que o evento foi organizado e realizado em parceria com ITCP/UFPR, INDIOS/UNIOESTE e SMTU-Foz

dades turísticas da região e das propriedades, se enfatizou outras formas de relacionamento com a cadeia produtiva do turismo, não precisando ser a propriedade ou o empreendimento um atrativo direto.

Durante os encontros que se realizam semanalmente, cada semana numa propriedade, como diz o camponês, se “proseia” sobre as formas de relacionamento entre as partes, sobre as potencialidades e particularidade de cada família e propriedade, sobre a necessidade de comprometimento e verdades, sobre as dificuldades imposta pelo trade turístico do local, entre outras coisas cabíveis ao trabalho em grupo.

Logo nas primeiras reuniões que deram sequência à atividade, pensando na identidade do circuito, debateu-se e levantou-se possibilidades de um título para o circuito, sendo encolhido em consenso, se denominarem como “Círculo Iguaçu de Turismo Rural – CITUR”. Na mesma ordem, pensando na integração das pessoas, criaram um correio eletrônico de acesso coletivo, para recebimento de demandas iniciais de interessados e troca de informações.

Dando continuidade aos encontros para o fortalecimento do grupo e formalização de uma relação de empatia entre os participantes, seus integrantes elaboraram seu primeiro símbolo, representado na Figura 2.



FIGURA 2: SÍMBOLO DO CITUR

O símbolo que representa o Círculo Iguaçu de Turismo Rural utiliza uma roda de

carroça estilizada que simboliza o antigo do ambiente rural, a erva mate e a cuia de chimarrão que sempre está presente nas “rodas de prosa”, simbolizando uma relação de amizade entre os membros do CITUR.

O grupo participou da II Mostra de Turismo Sustentável, que foi articulada e pela equipe de trabalho na VI edição do Festival Internacional de Turismo das Cataratas.

As perspectivas da participação no Festival foram e são boas, todos estão bastante otimistas e demonstram certa euforia. Sabe-se que um evento dessas dimensões pode propiciar boas relações e contatos, mas também ameaças, necessitando assim a prática constante da transparência e a comunicação intensa entre o grupo.

Presume-se a continuidade do desenvolvimento do grupo. Existe a possibilidade de se agregar mais famílias, o redimensionamento do circuito com a possibilidade de se criar novos roteiros. Porém, usando palavras e a vontade verbalizada pelos próprios integrantes do circuito, a assessoria prestada pela equipe de integração não pode deixar de ser executada.

A integração da rede de trabalho, formada por ITCP/UFPR, INDIOS/UNIOESTE, IDEIAS, ITEPA, VEMSER, CITUR, Mtur, FINEP e SMTU, e a disposição e entusiasmo da comunidade aponta *a priori* para um desenrolar favorável das ações. Tem-se orgulho do resultado das ações, porém sempre se busca pelo diálogo e pela troca de experiências, o aperfeiçoamento dos métodos e dos princípios do turismo, da economia solidária, da agroecologia e da permacultura. Pontua-se que esses conceitos, doutrinas e ideologias têm sido utilizadas como base na produção dessa nova perspectiva de trabalho e renda, visam o desenvolvimento desse grupo de agricultores interessados na construção do turismo rural adequado para o município de Foz do Iguaçu.

Assim, se encerra este artigo, agradecendo às famílias que estão construindo o CITUR, por estarem acreditando nos caminhos

apontados pela equipe de integração, como também parabenizamos essas famílias que, sem medo de ser feliz e dos desafios que apontam no caminho, acreditam e estão construindo uma nova dinâmica de relação produtiva e social em contra ponto ao modelo capitalista tradicional.

set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf> >. Acesso em: 01/07/2011.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, Vozes, 2003.

REFERÊNCIAS

BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. V.; BURSZTYN, I. *Turismo de Base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BEUREN, I. M. *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp> Acesso em: 20/07/2010

CAMPOS, L. C. A. M.; GONÇALVES, M. H. B. *Introdução a Turismo e Hotelaria*. Rio de Janeiro: Senac, 1998.

CORIOLANO, L. N. M. T. *Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário: Atores e Cenários em Mudança*. Fortaleza: Uece, 2009.

DENCKER, A. F. M. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, R. *Sociologia do Turismo*. São Paulo: Atlas, 2003.

FRANCO, M. A. S. *Pedagogia da Pesquisa-Ação. Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>> . Acesso em: 01/07/2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. N. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

MALDONADO, C. *O Turismo Rural Comunitário na América Latina: Gênesis, Características e Políticas*. Rio de Janeiro, 2009, p. 33.

NUNES, D. *Incubação de Empreendimentos de Economia Solidária: Uma Aplicação da Pedagogia da Participação*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 21.

SINGER, P. *Entrevista Economia Solidária*. São Paulo, 2007.

SWARBROOKE, J. *Turismo Sustentável, Meio Ambiente e Economia*. São Paulo: Aleph, 2000.

TRIPP, D. *Pesquisa Ação: Uma Introdução Metodológica*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466,